



www.delfimsantos.org

[Delfim Santos]

João Medina (1966)

Lisboa: *O Tempo e o Modo* 43-44, nov.-dez., 1987-1988.

Não creio que em caso algum se deva separar o *homem do filósofo*, o indivíduo singular finito das ideias transpessoais; nem, ao invés, ver no homem a face individualizada dum sistema de pensamento e neste como que o diário íntimo transcendental daquele. Entre o homem concreto, ancorado num certo *chronos*, numa certa *polis* e num certo *topos*, e o conceito há uma dialética que se não resolve na simples diluição recíproca ou na perfeita autonomia de ambos. A relação de cada pensador com o pensamento nunca é imediata, antes se inscreve num circuito sinuoso que passa pelos outros homens e pelo tempo. Que o homem filósofo não seja a encarnação pessoal da filosofia prova-o, por exemplo, o caso de Montesquieu: um homem timorato criando um pensar audacioso. E não seria possível apontar exemplos inversos?

~~Situado — e sitiado — num tempo medíocre e numa conjuntura tão pouco favorável ao exercício da razão vigilante~~, Delfim Santos soube, apesar de certa ambiguidade estratégica que só os maniqueístas hão de condenar, manter acesa a flâmula do pensamento: «*Se o filósofo — escreveu — é o opositor dialético das ‘verdades’ estáticas que adormecem um povo, não pode, enquanto filósofo, ser mercador de sono*».¹ Enquanto filósofo e enquanto homem situado, Delfim Santos quis ser esse teimoso brilho insone, a recusa viva dos que narcotizam as consciências. Até que ponto o *homem* Delfim Santos e as *ideias* de Delfim Santos cumpriram essa missão? Até que ponto uma inteligência lucidíssima, uma cultura europeia, uma prodigiosa riqueza íntima e um magistério incomparável lhe serviram na faina de negar as ‘verdades estáticas’? Até onde uma mesquinha adversidade gorou esse destino de oferta e esperança? A que ponto a amargura do homem turvou ou enfraqueceu o dinamismo do filósofo? Mais do que responder, interessa compreender o apelo, o sentido desse esforço mutilado, a profundidade e a eloquência dessa aventura dolorosa e subitamente precipitada no silêncio. Ouçamo-lo — para que o Silêncio não feche uma vez mais as mandíbulas de cinza sobre a figura deste Homem.

João Medina

~~texto cortado pela censura prévia~~

¹ - Filosofia e Filomítia, *Colóquio* 15, out. 1961.